

Possibilidades e desafios ao processo educomunicativo no ensino remoto teórico-prático em um curso intensivo de Especialização em comunicação¹

Helena CORAZZA²

Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP)
Serviço à Pastoral da Comunicação (SEPAC)

Resumo

Este artigo situa-se no contexto das mudanças culturais e tecnológicas e resulta da observação e pesquisa com discentes de um curso de Especialização em comunicação, que se realiza em módulos intensivos de duas semanas cada um, e devido à pandemia, com aulas síncronas remotas, tanto na teoria quanto na prática. O objetivo central é verificar como os processos comunicacionais da Educomunicação se tornam possíveis como a discussão e trabalho em grupo, a construção coletiva, o empoderamento, a criatividade. Os desafios tanto de alunos quanto de professores para adaptarem-se e vivenciar esse processo são focalizados. As reflexões resultam de um trabalho e observação participativa da pesquisadora, respostas a uma pesquisa e depoimentos expressos pelos cursistas. Embasam este artigo referenciais teóricos de Comunicação e Educação aplicados ao ambiente digital.

Palavras-chave:

comunicação e educação; mediações educomunicativas; processo participativo; ensino remoto, ambiente digital.

Introdução

Muitos são os desafios e as possibilidades concernentes ao ensino remoto mediado por tecnologias no ambiente digital, no campo da comunicação e da educação. Na comunicação presencial, a participação, fundamental ao processo comunicacional, é de comprovada experiência e teorização, pois tudo é acompanhado, comprovado, as trocas acontecem no encontro de pessoas, na construção coletiva, o que estamos acostumados a ver e a mensurar. A questão aqui colocada é relativa a essa mesma experiência no ambiente digital com aulas síncronas remotas. É possível a experiência e o processo

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em outubro de 2021.

² Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Jornalista, graduada em Letras. Docente e coordenadora do Curso de Especialização Comunicação, Teologia e Cultura: teórico-prático do Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP -/SEPAC). Assessora e docente no SEPAC - Serviço à Pastoral da Comunicação; pesquisadora do Grupo de Pesquisa Mediações Educomunicativas (MECOM) da ECA-USP/CNPq. Email: helena.corazza@paulinas.com.br

educativo, a vivência desta experiência com a mediação tecnológica, por uma plataforma digital? Em que medida pode acontecer o verdadeiro processo de reflexão, convivência, troca, colaboração, construção coletiva? Quais os desafios?

Este artigo discorre sobre possibilidades e desafios no processo educativo em um curso de Especialização³ realizado em período de férias, de forma intensiva, com aulas síncronas remotas, disciplinas teóricas pela manhã e à tarde, disciplinas práticas com laboratórios de produção. Os participantes são jovens e adultos, provenientes de 13 estados da Federação⁴ cuja formação acadêmica, de modo geral, é na área de humanidades; apenas alguns são profissionais da comunicação. O que buscam neste curso é apropriar-se do conhecimento teórico e prático na área da comunicação para aplicarem em sua atuação profissional ou educativa, ou seja, na interface com outras áreas do conhecimento.

No módulo de janeiro/2021, as disciplinas versaram sobre teorias e as práticas na produção de programas Rádio; em julho as disciplinas teóricas trataram de políticas e as práticas, vídeo e internet. Um desafio para os docentes e profissionais que orientaram as disciplinas práticas foi adaptar a metodologia do processo presencial para a plataforma digital, sobretudo em áreas que envolvem muitos detalhes técnicos como o rádio e o vídeo, com atenção ao processo participativo.

Ecosistema educativo em plataforma digital

Educomunicação é um conceito que reúne duas áreas de conhecimento e pesquisa, a comunicação, um campo mais recente, e a educação, uma prática mais estruturada, sobretudo em se tratando da educação formal. O neologismo Educomunicação resulta de um processo de décadas, tanto na reflexão acadêmica quanto na prática da comunicação popular e alternativa, na busca pelo direito à liberdade de expressão e de participação, na América Latina e do Brasil. A partir de 23 de julho de 2021, o termo Educomunicação foi incluído no dicionário, passando a fazer

³ . Trata-se do Curso de Especialização Comunicação, Teologia e Cultura: teórico-prático do SEPAC em convênio com o Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP), nos módulos de 18 a 30 de janeiro e 5 a 17 de julho de 2021.

⁴ . Participantes por Região: Norte, 7; Nordeste, 5; Centro-Oeste, 3; Sudeste, 10; Sul, 4 e uma da Argentina.

parte do Vocabulário ortográfico da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras (ABL)⁵.

Na Educomunicação é usual afirmar que os ecossistemas comunicativos⁶ são abertos e acontecem com ou sem as tecnologias e, neste sentido, muitas são as pesquisas e descrições que garantem esses processos no ensino presencial. Uma metodologia que integra o pensar, o produzir e o conviver é descrita por Corazza⁷, que procura envolver não só a produção numa visão tecnológica, mas que parte do pensar a comunicação, despertar a consciência crítica, produzir em diferentes linguagens, a participação e a mudança do olhar na produção, o aspecto da convivência e do relacionamento na comunicação, a formação do sujeito, as interfaces com distintas realidades. Neste momento estamos vivenciando uma quebra de paradigma, que Citelli elucidada:

A prova evocada com maior evidência para esclarecer o argumento assevera que os velhos modelos organizadores da sociedade industrial em vigência intensa até meados dos século XX, estão se esgarçando, enquanto assistimos à ascensão de novas estruturas econômicas, sociais, políticas, calcadas na digitalização, nos dispositivos informáticos-midiáticos e nos algoritmos. As consequências de tal deslocamento paradigmático são percebidas em níveis diversos: institucionais, produtivos e mesmo no cotidiano material e afetivo das pessoas (CITELLI, 2021, p. 9-10).

É neste contexto de mudanças que aqui se coloca o desafio de verificar como manter valores de cidadania nas plataformas digitais, pois o ecossistema educacional se constitui num conjunto de ações que favorecem o diálogo social, levando em conta as tecnologias e as potencialidades delas no cotidiano. Considerando também que o ecossistema comunicativo é entendido como uma área de intervenção na qual os sujeitos sociais passam a refletir sobre suas práticas – o que Soares caracteriza como âmbitos do agir educacional⁸, agora pensado e avaliado em ambiente digital com aulas 100% online.

O dia a dia do ecossistema comunicativo como área de intervenção passa por enormes mudanças. Compreendê-las é bastante complexo, pois precisamos estar atentos

⁵ <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/educacao> - Acesso 8/8/2021.

⁶ . Por ecossistema comunicativo entende-se o cuidado de tudo o que envolve o fluxo das relações entre as pessoas e os grupos humanos no ambiente educativo, tanto na comunicação presencial, quanto no acesso ao uso das tecnologias. Compreende-se no ecossistema o relacionamento amplo, também com a Casa Comum, referindo-se a todo o relacionamento dos humanos e não humanos.

⁷ . CORAZZA, H. Educomunicação. Formação pastoral na cultura digital, 2016, p. 87-105.

⁸ . SOARES, I.O. Educomunicação: o conceito, o profissional, aplicação, 2011, p. 12.

à ascensão de uma nova ecologia da comunicação, a envolver a internet das coisas, a proliferação de objetos inteligentes com capacidade de sensoriamento, processamento e multi-interações. Tais dispositivos têm aumentado nos últimos anos, incluindo e alterando profundamente a relação entre humanos e não humanos.

Aplicadas ao ecossistema digital que, segundo pesquisadores, reúne a internet social (web 2.0), a internet das coisas (IOT) e a internet dos dados (Big Data), não operam como redes separadas, mas integradas e interdependentes, compondo uma rede de redes denominada a rede de todas as coisas. As mudanças que a internet provoca na vida humana, com a nova arquitetura da informação, afetam o dia a dia das pessoas, seja no aspecto social, profissional ou educativo. Di Felice elucida esta mudança.

Hoje, a Internet não é mais uma rede de computadores e assumiu dimensões globais, digitalizando parte da biosfera e criando uma quantidade incalculável de dados e conectando, a partir deles, as diferentes dimensões do globo. Os diferentes tipos de conexões e as diferentes formas de percepção que hoje se estendem além dos limites da tecnologia, alcançando florestas, o fundo do mar, outros planetas e estrelas exprimem as formas de outro tipo de ecologia e de uma condição habitativa que não está mais limitada a uma rede de informações transmitidas pelo computador. A Internet não é mais uma rede técnica e não é mais apenas uma rede de pessoas e cidadãos: deparamo-nos com o advento de uma nova conexão planetária, mas diferente daquela que unia o conhecimento da inteligência humana ao mundo, como elaborada pela obra de P. Lévy. As novas formas de conexão que foram estabelecidas nas últimas gerações de redes e que estão digitalizando a biosfera estão nos transformando, de cidadãos de países, cidades e nações, a cidadãos da galáxia de bits” (DI FELICE, 2017, p. 45).

Considerando-se todas essas transformações, observa-se que a internet não é mais apenas uma rede de computadores; ela materializa e a hibridização das relações do mundo biológico, físico e digital. Em se tratando da Educação, Schlemmer⁹ faz algumas considerações sobre os desafios que os professores enfrentam e como se podem se posicionar diante das Tecnologias Digitais (TD). Uma das posturas é tratar as TD como ferramentas, em função do **uso**, sendo apenas um recurso. Neste caso, o usuário se torna um consumidor e sua relação é a de dependência, o que resulta uma consciência ingênua. Uma segunda postura é da **apropriação** das tecnologias da inteligência em que o usuário se empodera do conhecimento, tornando-se um produtor, o que resulta, em uma consciência crítica. Mas nesta simbiose da rede, a pesquisadora aponta uma terceira postura, de **acoplamento** enquanto agenciamento das ecologias inteligentes, um ato conectivo transorgânico. O usuário se torna um co-produtor, conectando inteligências

⁹ . SCHLEMMER, E.; DI FELICE, M.; SERRA, I. M. R. de S. *Educação OnLIFE: a dimensão ecológica*, 2020, p. 13-15.

diversas, pois entram aí os humanos e não humanos (atores-redes) que estabelecem relação e se conectam. E as TD passam a fazer parte do dia a dia dessa conexão planetária e o habitar redes, de modo a configurar a nova realidade hiperconectada e seu potencial para transformar a educação, numa Educação “onlife”.

Para Schlemmer, segundo essa perspectiva, os conceitos tradicionais de separação que opõem o homem ao meio ambiente, à técnica, à natureza são substituídos pela percepção ecossistêmica de uma condição de habitação, que redefine cada entidade não mais como uma realidade autônoma, mas como parte de uma forma relacional que adquire sua condição específica somente por meio de diferentes interações e conexões.

Neste sentido, o grande desafio desta reflexão e pesquisa participante é analisar como os processos participativos acontecem no ensino remoto, teórico-prático, tendo em vista os pilares da reflexão, a apropriação/empoderamento e participação, bem como a convivência e troca de experiências entre os alunos, com mediação digital.

Estrutura e metodologia do curso

O curso de Especialização Comunicação, Teologia e Cultura: teórico-prático é realizado em nível de pós-graduação *lato sensu*, sendo que a grande maioria escolhe a pós¹⁰ e se propõe a realizar uma monografia científica. A estrutura do curso compõe-se de disciplinas teóricas e práticas, de forma que o discente permanece as duas semanas, no período vespertino, em um grupo escolhido onde é orientado para o processo de produção, do pensar, planejar, linguagens da execução até o processo final. Os trabalhos são produzidos em grupos, nos quais a gestão é colaborativa e compartilhada, da escolha das temáticas à execução e conclusão.

Em relação à formação acadêmica dos discentes, predominam Filosofia, Letras, Pedagogia, Teologia e, uma minoria, é graduada em comunicação. Entretanto, todos atuam de alguma forma e querem se preparar melhor para o desempenho pessoal e eclesial.

Diante dos objetivos e da metodologia do curso, foi feita uma pesquisa entre os cursistas sobre o aproveitamento e desafios. A proposta do curso é de contribuir para pensar, apropriar-se de conhecimentos para produzir e, ao mesmo tempo, conviver ,

¹⁰ . O curso é oferecido também na modalidade de Extensão Acadêmica.

estabelecer trocas, aprendizados tanto nas discussões teóricas quando nas disciplinas práticas. Vamos discorrer, a seguir sobre as experiências compartilhadas e os desafios.

Um dos discentes afirmou: “o curso foi simplesmente um divisor de águas em minha caminhada, afinal, muito aprendi no campo teórico e prático”¹¹. Afloraram e expressões da compreensão do sentido da comunicação como riqueza para a humanidade. “Aprendi a partir do curso que somos seres de comunicação”.

Afirmações positivas foram feitas pelos cursistas em relação à metodologia, aos conteúdos, professores e à organização. Um cursista diz: “confesso que fiquei encantado com a dinâmica do curso, a seriedade e a riqueza dos conteúdos oferecidos. O que mais me impressionou foi a capacidade da dinâmica do curso, pois não senti cansado com os conteúdos oferecidos de forma intensiva”. Ainda em relação à metodologia, “minha experiência permite afirmar que a metodologia adotada pelo SEPAC me proporcionou uma formação séria, profunda e científica, que me levou sempre a um maior desenvolvimento crítico, e contribuiu significativamente para despertar um novo olhar para a Comunicação”. Outra afirmação relativa e dinâmica:

a alta qualidade do curso me proporcionou uma atualização acadêmica com professores capacitados, a pedagogia teórico-prático possibilita apreender o conhecimento sempre em sintonia com a realidade socio-cultural-religiosa e a integração e troca de experiências com os cursistas enriquecem ainda mais a formação. Mesmo diante das limitações impostas pela Pandemia foi possível construir um conhecimento para vida social e profissional”.

Pensar, produzir e conviver

A metodologia adotada pelo SEPAC vê a comunicação como processo relacional e apoia-se no tripé *pensar, refletir, produzir conhecimento*; produzir a comunicação, conhecendo o processo, apropriando-se de todos os passos do processo, do planejamento à concretização e destacando o espaço privilegiado do relacionamento entre as pessoas, das trocas de experiência e da construção coletiva (CORAZZA, 2016, p. 87ss.).

Um discente explicita: “as aulas teóricas com discussões críticas e analíticas abriram a mente para vislumbrar na comunicação um caminho de humanização da realidade; os conteúdos oferecidos possibilitaram uma leitura panorâmica do que é

¹¹ . Os nomes serão omitidos para preservar a fonte.

Comunicação e o que se espera de um bom comunicador, sendo agora o tempo de aprofundar nas leituras das inúmeras referências apresentadas”. A que outro cursista complementa: “o pensar a comunicação é ter como clareza que este é um processo relacional e cultural que envolve pessoas, técnicas e instrumentos. Desse modo se apresentou tão pertinente a discussão teórica sobre as políticas comunicacionais”.

As disciplinas teóricas contribuíram nos conhecimentos, levando a conhecer diversos autores e pesquisadores da área da comunicação, e “de como podemos aplicar esses conhecimentos de maneira prática”, afirmou outro cursista, complementando que os docentes também se envolveram no aprendizado e “como nós estudantes procuraram superar todos os desafios, sejam eles, com as tecnologias e os problemas de conexão”. Um dos cursistas lembra que a proposta apresentada pelas disciplinas e seus docentes foram provocativas.

Os docentes têm um amplo conhecimento teórico e experiencial. Isso fortalece as provocações que nos fazem pensar de uma maneira mais crítica a realidade que estamos vivendo, quando se trata de mídia digital. São provocações profundas e desafiadoras que deixam interrogações, quando se trata de como resolver, como lidar.

Esta afirmação e experiência de ser provocado, de perguntas mais que respostas, nos remete ao que Freire afirma: “Educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1982, p. 69).

O reconhecimento conferido aos docentes na formação para a comunicação também é expresso: “Reconheço que a acolhida, a abertura e a disposição em ensinar que o SEPAC apresenta, através de seus docentes, foi muito motivador para que eu pudesse encontrar um espaço favorável ao aprofundamento de tudo aquilo que me foi passado”. Um dos alunos menciona a riqueza dos debates: “os debates em aula foram bem abrangentes, abrindo sempre para que cada aluno pudesse partilhar um pouco de suas experiências e seus conhecimentos”. E lamenta o pouco tempo para aprofundar mais algumas questões: “o único pesar foi a falta de tempo para debates mais longos, pois vimos a necessidade disso em cada aula”, achando um pouco difícil conciliar a necessidade de trabalhar o conteúdo e um tempo maior para que os estudantes pudessem participar embora houvesse a participação mesmo com pouco tempo.

Para favorecer o pensar a comunicação, a coordenação do curso programou uma live, com o tema da pesquisa em comunicação. Realizada no dia 14 de julho, com a

participação de três cursistas concluintes do curso de Pós-graduação e estão finalizando sua monografia sobre temas diferentes. Eles partilham o caminho e a abordagem da pesquisa, desafios encontrados, com a mediação da orientadora, Dra. Joana T. Puntel. A atividade pode ser vista em <https://www.youtube.com/watch?v=MekPORyk70>

O caminho da produção da comunicação

No curso de Janeiro 2021 a disciplina prática foi Produção em Rádio, ministrada por uma docente e por um profissional do Rádio. Muitas adaptações foram necessárias para o processo de produção, a linguagem do Rádio, os diferentes formatos, elaboração de roteiros, locução, apresentação e gravação, com a produção final de um programa coletivo. Como faz parte dos conteúdos a serem produzidos, para exercício foi oferecido o curso EAD de PodCast, da instituição, durante o laboratório. Cada cursista fez seu caminho e os orientadores permaneceram à disposição para o diálogo e dúvidas. Na programação do Laboratório de Rádio, uma dos formatos é a mesa redonda que foi realizado em duas lives temáticas, ao vivo, seguido da avaliação de desempenho. A participação nas mesas redondas foi avaliada, pelos cursistas, de forma positiva, tanto pelas temáticas quanto pela possibilidade de participar ao vivo.

O programa de rádio conclusivo, resultado de todo o processo foi uma construção coletiva, que demonstra o processo levado adiante durante o curso. O título “Esperançar. Tecendo juntos a comunicação”, escolhido coletivamente após discussões, traz à memória Paulo Freire e sua proposta, no centenário de seu nascimento. “Esperançar é ter esperança, mas não esperança de esperar. Esperançar é ir atrás, é não desistir. Daí o nome do programa, porque tecemos juntos a comunicação e os nossos sonhos”. <https://paulinascursos.com/sepac/producao-audiovisual/>

A metodologia teórico-prática foi entendida no sentido de superar a dicotomia entre teoria e prática, entre o pensar e o produzir. A afirmação de um estudante evidencia essa ligação:

as aulas práticas, com o laboratório de Internet, me fez perceber o pensar, como algo transformador, que nos ajuda a ter uma consciência crítica, para que possamos rever o que não está de acordo, entre o nosso pensar e agir”. E que podemos contribuir no processo de produção, para um mundo melhor, fazendo com que o nosso pensar não seja algo passivo. Pois, existe a necessidade do diálogo, e só pode haver o diálogo se à uma escuta de ambos que se encontram, concretizando a cultura do encontro.

O encontro entre as pessoas, o conhecimento mútuo e a convivência acontecem muito nos momentos das disciplinas práticas, que os favorecem. Um dos cursistas afirma que os laboratórios demonstraram como a comunicação é essencial e sempre atual. “No laboratório que participei, o de internet, tive a oportunidade de conviver com pessoas maravilhosas, inteligentes e criativas”. E continua falando da sua percepção em relação ao trabalho de grupo: “nos trabalhos em grupo, percebi o quanto é desafiador o universo digital e como somos essenciais para fazê-lo acontecer”. A questão do digital, do remoto, estando cada um numa cidade, foi mencionada pela a professora que orientou a disciplina:

Eu notei que o diálogo entre docente e discente é propiciado pela ferramenta digital, mais ainda quando este liga a câmera e permite que se estabeleça uma relação entre pessoas (e não entre um nome + voz). Em uma turma pequena, como foi a nossa (16), todos (aqui, não é forma de dizer, foi 100% da turma mesmo) participaram durante diversos momentos, compartilharam histórias, opiniões, dúvidas e dificuldades. Essa mesma experiência eu não vivi quando fiquei diante de turmas de até quase 200, onde a comunicação com o professor era prejudicada e as pessoas invisibilizadas.

E o relato do trabalho em grupo na divisão das tarefas, seguiu o critério de aproveitar o melhor de cada um, observando os dons de cada participante. E afirma: “Mais do que aprender novos conhecimentos, aprendi a dinâmica do ser família na comunicação”. Outro afirma que o Curso leva sempre “à criação, à produção, e a colocar em prática tudo aquilo que vamos aprendendo e amadurecendo durante o processo, fator este que incentiva a não deter o conhecimento, ou vivê-lo de forma isolada ou egoísta”. A docente que orientou o laboratório de Internet observou, ainda, como a ajuda mútua foi fundamental:

Os grupos relataram que não teriam conseguido realizar o trabalho se não tivessem contato uns com os outros, já que cada um demonstrava habilidades diferentes e complementares. Na minha disciplina, não foi estabelecida a forma como eles deveriam se reunir. A maioria usou o Whatsapp, criaram grupos e trocavam ideias.

Desafios da produção online

A produção de material ligado aos laboratórios foi interessante e desafiador devido ao fato de ter que produzir *online*. Houve dificuldades de conexão em alguns momentos e locais, mas na afirmação de um estudante, “o diálogo foi vivido de maneira plena, especialmente no laboratório, no meu caso de internet. As partilhas, contribuições

e a maneira que foi trabalhado, permitiu que todos participassem inteiramente de cada detalhe dos trabalhos propostos”.

Um cursista aponta para a concepção integradora da reflexão que atinge o produzir comunicação, e no seu caso, tal ato produtor foi contemplado no laboratório de vídeo. Para ele, “neste ambiente criativo da produção do audiovisual, além da capacitação técnica, o maior aprendizado é que todo o processo não é algo isolado da realidade ou se reduz a uma tela do computador, mas sim, o agir humano que ocasiona sentido ao processo comunicacional que exige convivência e diálogo”.

Um discente que participou do laboratório de vídeo aponta o desafio do online: “acredito que o presencial seria bem mais enriquecedor, quando se trata de ver de perto, de sentir e conhecer mais um estúdio com sua devida estrutura. Mas consegui crescer bastante na produção de vídeos”. Outro afirma: “Ansioso pelo próximo módulo presencial”. Para a docente que orientou o laboratório de internet

A única questão que ainda configura como uma dificuldade dentro e fora do Sepac é a questão dos grupos. É mais difícil se comunicar com os grupos, fazer tarefas simples demandam mais tempo e esforço no digital porque não tem a facilidade da troca onde todos podem falar e ouvir praticamente ao mesmo tempo.

Entretanto, para o laboratório de Vídeo foram criadas duas salas de modo que o orientador pode acompanhar e orientar os trabalhos, mesmo à distância. A docente reforça a questão tecnológica, diferente para a realidade de cada aluno, que interfere nessas relações e até mesmo na aula. “Estudantes perdem explicações, por exemplo, porque a internet caiu. Ou, ainda, outros não conseguem fazer exercícios pela lentidão da máquina ou do Wi-fi”. Na avaliação da docente que orientou o laboratório

o exercício de criatividade também bem legal, gerando trabalhos únicos. Penso que a aula no digital correu como no presencial, com excelentes resultados e alguns empecilhos. A diferença é que os empecilhos são diferentes. No presencial, acabam acontecendo conversas paralelas, por exemplo, enquanto no digital às vezes há falhas tecnológicas. Acho também que o fato de vermos todos os amigos no digital (diferente das salas de aula enfileiradas do presencial) nos leva a prestar atenção e reconhecer o outro, responder às suas falas. Por outro lado, os resultados das disciplinas se mantêm positivos, mas a interação de amizade extra-classe fica um pouco mais prejudicada entre eles.

Produções na rede

Os cursistas do Laboratório de Internet se organizaram em quatro grupos de quatro pessoas cada um, escolheram temáticas do seu interesse, sempre com um cunho social ou educativo.

Grupo **Rede Avança** se propõe despertar nos jovens o amor e o conhecimento pela Palavra de Deus, pela Bíblia, próxima da vida. Confira: encurtador.com.br/wIW34

Grupo **Integração Brasil** procura sensibilizar sobre a realidade brasileira em constante fluxo migratório. Com as palavras chave acolher, humanizar e solidarizar fazem sua proposta para o engajamento nas redes sociais. Confira: encurtador.com.br/cdkoI

Grupo **Samaritanos** parte das desigualdades sociais e surgem como sinal que aponta para as obras sociais que a Igreja Católica realiza. Por sua vez, busca pessoas possam ser voluntárias no projeto vencendo as desigualdades e dedicam tempo para ajudar o próximo: Confira: encurtador.com.br/vxDJX

Grupo **Catequese familiar** se propõe estar próximo das famílias para que possa acontecer a iniciação à vida cristã a partir da família.

<https://catequeseamiliar.wixsite.com/my-site-1>

Para o docente que orientou o laboratório de Vídeo, acostumado a dar cursos presenciais há 20 anos, e sabendo da necessidade de acompanhar os discentes para os mínimos detalhes técnicos, disse que inicialmente percebeu que teria que simplificar o instrumento de trabalho do laboratório, a câmera, “até porque cada estudante em princípio só teria o seu próprio aparelho de celular para gravar”. E foi buscando estratégias em relação ao vídeo, explorando os recursos do celular para vídeo e para áudio de maneira a suprir as necessidades do curso. “Estimulei a aprenderem a olhar o mundo a sua volta através da câmera do celular, explorando alguns recursos que poderiam ser úteis para melhor controlar a gravação, como a fixação do foco e abertura de luz da lente do celular”.

Outras estratégias foram buscadas em relação ao áudio, “o fone de ouvido com um microfone de áudio pôde ser usado para melhorar a captação de áudio, que deu um bom resultado”. E devido à distância, outra estratégia de compartilhamento: “como não estava próximo dos alunos, para poder avaliar o processo de aprendizado deles, pedi que

gravassem os exercícios e os compartilhassem comigo via WhatsApp para podermos acompanhar juntos”.

E para solucionar os problemas “na produção e na troca, muita imaginação ativa e seu interesse foi fundamental”. Continua o orientador, dizendo que os discentes tiveram que aprender a gravar a si mesmos com o celular. “Aprenderam a olhar para a câmera, pois eram ao mesmo tempo os apresentadores, atores, cinegrafistas e diretores e ainda tinham que elaborar um roteiro que costurasse todos os planos criando uma sequência com começo, meio e fim”. Apesar de virtual, muitas vezes com falhas de internet na comunicação, o processo de aprendizagem foi muito intenso e com muitas trocas ricas com os estudantes.

Organizados em dois grupos, os discentes realizaram duas produções. **Impressões de minha cidade** segue o estilo reportagem mostrando aspectos de sete cidades diferentes, conforme a procedência dos integrantes do grupo.

<https://www.youtube.com/watch?v=E2NKt2T2pPA&t=13s>

O segundo vídeo **On Life. Encontros e desencontros** é uma ficção que apresenta a vida que hoje se tornou *onlife*. A partir de discussões durante as aulas da manhã sobre a realidade do digital, os cursistas conseguiram tratar da temática da vida *onlife*. Mesmo no ambiente digital, a vida é real.

<https://www.youtube.com/watch?v=nbFHXbsUVgg&t=70s>

Um dos cursistas afirma que “a produção, o trabalho em equipe, o desenvolvimento do pensamento crítico, foi desafiador, pois, este processo dinâmico foi exigindo uma saída de si e uma condição de partilhar aquilo que se vai aprendendo, para colocar tudo na prática da vida”.

Convivência, trocas culturais e de experiências

A metodologia participativa, o ambiente e atitudes acolhedoras, têm o objetivo de favorecer o encontro das pessoas, a troca de experiência e a ajuda recíproca. Um dos cursistas relatou: “minha experiência nesse primeiro módulo foi única; me senti muito bem acolhido e muito bem envolvido com toda a dinâmica de aprendizagem”. Outro afirma: “nessas duas semanas de estudo, no SEPAC, pude vivenciar essa experiência, através do convívio com todos os participantes desse primeiro módulo”. Um terceiro se

refere à “competência e a responsabilidade do SEPAC para com seus discentes, docentes, para com a Igreja e a sociedade. É assertivo e necessário”.

Em relação à presença, um cursista afirma: “a convivência virtualmente deu pra sentir um pouco o calor e as expectativas dos colegas. É claro que assim como no laboratório, não é a mesma coisa que presencial”. A acolhida foi muito acentuada, mesmo em ambiente digital: “outro aspecto primordial, foi a convivência. A experiência da partilha das experiências com os outros cursistas, para mim foi fundamental Além das aulas, as partilhas foram muito produtivas e educadoras. Afinal, os colegas com os quais convivi durante este processo me ensinaram com suas experiências, com seus modos de viver e de encontrar soluções para os problemas, a seguir em frente, sempre com coragem”.

Mencionada também a experiência de conhecer pessoas de diferentes culturas, “o compartilhamento com pessoas de todo o Brasil é sempre muito positiva, a alegria de conhecer as múltiplas faces desse nosso Brasil” e, ainda, da riqueza de alguns participantes de outros países: “a experiência de conhecer novas culturas, convivendo com pessoas de diferentes lugares do país, me fez abrir cada vez mais, o olhar e o coração para aprender sempre, e acolher todas as pessoas”.

Intervenção – a experiência e mudança no olhar

Um dos cursistas faz o relato de que o curso ajuda a uma constituir uma mudança de olhar e de atitudes: “este processo me desafiou a uma mudança de pensamentos, atitudes, mesmo de vivência cotidiana. Não há como viver essa experiência sem que algo mude dentro”. Outra afirmação sobre o despertar de novos horizontes: “me despertou a curiosidade de olhar a comunicação com outros olhos, fazer comunicação a cada instante na própria vida”. E ainda que “a comunicação que se dá a partir da palavra, do digital, das relações que vai além, passa pelas experiências. Revisar alguns conceitos que em algum momento já estudei e revisar com outro olhar, despertando novos conhecimentos”.

A experiência leva à integração do pensar, produzir e conviver: “Em cada aula, seja teórica ou prática, pude desenvolver os conhecimentos na área, aprendendo tanto na aquisição de novos conteúdos quanto enriquecendo a aprendizagem pelas trocas de

experiência com os professores e os colegas”. E a constatação de que em meio a pandemia ocorreu uma experiência ímpar: “Num tempo de desafios como este da pandemia, superei junto com a turma os limites da comunicação, recriando metodologias e interagindo mesmo que virtualmente com os outros”, conclui outro cursista, o que remete ao grande educador: “Práxis na qual a ação e a reflexão, solidárias, se iluminam mutuamente. Na qual a prática, implicando a teoria da qual não se separa, implica também numa postura de quem busca o saber, e não de quem passivamente o recebe” (FREIRE, 1982, p. 80).

Considerações finais

Este artigo resulta da avaliação de dois cursos de Especialização em comunicação, de duas semanas intensivas cada um, normalmente realizados de forma presencial, e agora devido à pandemia, realizados com aulas síncronas remotas em sua metodologia teórico-prática. É um relato das possibilidades e desafios, tanto por parte dos docentes, quanto por parte dos cursistas e, talvez limitado, mas que pode contribuir neste momento para reinventar a aprendizagem e a docência pelas mediações tecnológicas.

Além dos referenciais da comunicação e da educação, trabalhamos neste artigo alguns relativos ao exercício da cultura digital. Enfrentados os desafios e tendo conseguido realizar os cursos com êxito, pelos relatos dos cursistas, foi possível vivenciar uma experiência de reflexão, produção e convivência, ajuda mútua, fundamentais ao processo educacional. Observou-se também a atitude de aprendizagem e adaptação, sobretudo por parte dos profissionais acostumados ao presencial, e o resultado pode ser conferido nos links ao longo do artigo.

Um desafio que continua presente na ação pedagógica educacional é a vigilância sobre o processo da comunicação, presente nas práticas presenciais, formais ou informais. E com as interações *online* que já se tornam *onlife*, importa cultivar e tornar hábitos todos os valores de participação e de cidadania que também a rede pode abrigar e com eles enriquecer-se.

REFERÊNCIAS

CITELLI, A. e GOMES, A. L. Z.(Orgs.). **Novas travessias e desafios em Comunicação e Educação**. Série Comunicação e Educação. Ilhéus (BA): Editus - Editora da UESC, 2021.

CORAZZA, H. **Educomunicação: formação pastoral na cultura digital**. São Paulo: Paulinas, 2016.

DI FELICE, M. **Net-ativismo: da ação social para o ato conectivo**. São Paulo: Paulus, 2017 (Coleção Comunicação).

DI FELICE, PEREIRA, E. ROZA, E.(Orgs.). **Net-Ativismo**. Redes digitais e novas práticas de participação. Campinas, SP: Papirus, 2017.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 1982 – 6ª. Ed.

SCHLEMMER, E.; DI FELICE M.; SERRA, I.M.R. de S. “**Educação *ONLIFE* : a dimensão ecológica das arquiteturas digitais de aprendizagem**” .In: Educar em Revista, Curitiba, v. 36, e76120.2020 - <https://www.scielo.br/j/er/a/5kXJycPzpBZn6L8cXHRMRVy/?format=pdf&lang=pt> – Acesso 2 de agosto de 2021.

SOARES, I. de O. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. Contribuições para a Reforma do Ensino Médio. São Paulo: Paulinas, 2011.